

SERMÃO DO MONTE

Capítulo 2 – O testemunho cristão (Mt 5.13-16)

O sal é o tempero mais básico de todos, presente até na cozinha mais pobre. Além disso, nos séculos antes da invenção do refrigerador, ele era usado para preservar a carne do apodrecimento. Ainda hoje, o bacalhau é vendido salgado, assim como a carne-seca ou jabá, são exemplos desse uso do sal, que conserva e dá sabor ao alimento.

A luz é a condição essencial para o progresso da raça humana, seja uma tocha, uma lamparina ou uma lâmpada elétrica. Dependemos tanto da luz que não conseguimos imaginar como um cego consegue sair de casa sem ajuda.

[Vocês já tiveram que comer sem sal? Como foi essa experiência? Já tiveram que andar no escuro? Como foi essa experiência?]

A fim de definir a relação de seus discípulos com o mundo, Jesus recorreu a duas metáforas: sal e luz (Mt 5.13-16).

[Como vocês interpretariam essas metáforas? O que acham que as naturezas do “sal” e da “luz” nos dizem sobre o papel da igreja no mundo?]

Por causa do pecado, o mundo se tornou um lugar em franca putrefação, cada vez mais “indigesto” e para seu Criador; e mergulhou em profundas trevas, cada vez mais longe daquele que é a fonte de toda verdade e luz. Somente o povo de Deus pode conter a decomposição e iluminar (Gn 6.5-9).

Contudo, o sal pode perder o sabor, não servindo pra mais nada (pelo menos naquela época, em que não havia refinarias e o “sal” era misturado com impurezas, e o cloreto de sódio podia estar em baixíssima proporção ou até se dissipar com a humidade, v.13). E a luz pode ser bloqueada (uma lamparina costumava ser pendurada num gancho no meio casa, mas não ilumina nada se posta debaixo de um alqueire, ou seja, uma *vasilha*, v.14,15).

Se os cristãos forem assimilados pelos não-cristãos, deixando-se contaminar pelas impurezas e trevas do mundo, perderão a sua capacidade de influenciar. A influência dos cristãos sobre a sociedade depende da sua diferença, e não da sua semelhança com o mundo. Jesus esclarece que nossa influência se dará pelas nossas “boas obras” (v.16).

[Quando você ouve “boas obras”, o que vem à sua mente? Quais obras o cristão deveria fazer para que o mundo veja e glorifique o seu Deus?]

Podemos dividir as boas obras em *obras da fé* (crer em Cristo, arrepender-se dos pecados, conhecer a Escritura, falar de Cristo para alguém, etc.) e *obras do amor* (socorrer um necessitado, trabalhar honestamente, consolar alguém que sofre, apoiar financeiramente um missionário, etc.).

É essencial que nossas boas obras sejam feitas para que as pessoas glorifiquem a Deus que nos capacitou, não a nós (v.16).

[Será possível fazer coisas boas com a intenção errada? Como avaliar uma boa obra feita com o propósito de receber algo em troca? Com o propósito ganhar reconhecimento das pessoas? Com o propósito de cumprir uma obrigação ou pagar uma dívida? Com o propósito de merecer uma bênção de Deus?]

Quando Jesus diz que seus seguidores *são* o sal e *são* a luz, está afirmando que não basta se comportar do jeito certo. É preciso também *ser* a coisa certa. Atitudes externamente corretas o mundo também consegue ter; os discípulos de Jesus têm algo diferente *dentro deles*. Quem crê em Cristo se torna “filho de Deus” e recebe a vida eterna (Jo 1.12; 1Jo 5.13). Por isso, têm uma natureza diferente do mundo, e essa diferença é que aparece nas suas obras para o mundo ver.

E Deus é glorificado, porque foi ele mesmo que operou essas boas obras em seus filhos (Ef 2.10; Tt 2.13,14).

Aplicação

Se os discípulos de Cristo são marcados por serem diferentes do mundo, como anda a sua vida? Você pode dizer que tem sido diferente do mundo? Você tem influenciado os ambientes em que convive como sal e luz?

Às vezes nossas atitudes e palavras servem para que as pessoas se afastem de Deus. Separe um momento de autoavaliação; se perceber alguma área da sua vida que tem se igualado ao mundo, dado um mau testemunho da fé ou até levado pessoas a blasfemarem do evangelho, arrependa-se, confesse ao Senhor em oração e peça ajuda a ele para mudar.

Pr. Alceu Lourenço